

# LEITURAS E ESCRITAS DO CINEMA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS DE CRIAÇÃO COM OS FEMININOS

## READINGS AND WRITINGS OF CINEMA IN THE KINDERGARTEN SCHOOL: CREATION EXPERIENCES WITH FEMALES

### LECTURAS Y ESCRITOS DE PELÍCULAS EN LA ESCUELA DE JARDÍN DE INFANTES: EXPERIENCIAS DE CREACIÓN CON FEMININOS

Marcelly Camacho Torteli Faria<sup>1</sup>  
Sandra Regina Freitas do Amaral<sup>2</sup>  
Wenceslao Machado de Oliveira Junior<sup>3</sup>

**Resumo:** Apresentaremos algumas *cartografias femininas* esboçadas em uma pesquisa em andamento. Foram tecidas a partir de leituras e experimentações com a multiplicidade de textos e filmes produzidos pelas educadoras e pesquisadoras do Cineclube de duas escolas públicas de educação infantil de Campinas.

**Palavras-chave:** Escola; cartografias, femininas.

**Abstract:** We will present some females cartographies sketched in an ongoing research. They were woven from readings and experimentations with the multiplicity of texts and films produced by educators and researchers at the Cineclube from two public schools for early childhood education in Campinas.

**Keywords:** School; cartographies; female.

**Resumen:** Presentaremos algunas cartografías femeninas esbozadas en una investigación en curso. Se tejieron a partir de lecturas y experimentación con la multiplicidad de textos y películas producidas por educadores e investigadores del Cineclube de dos escuelas públicas de educación infantil en Campinas.

**Palabras clave:** Escuela; cartografías; femeninos.

## Introdução

Abordaremos algumas *cartografias femininas* de uma pesquisa em andamento – tese, que propõe investigar a partir da multiplicidade de textos e filmes produzidos pelas educadoras e pesquisadoras do Cineclube de duas escolas públicas de educação infantil de Campinas, experiências com cinema e educação. Acreditamos que os filmes também se constituem como escritas contemporâneas. Se por um lado, as modalidades de comunicação digital problematizaram as formas de vidas correntes, por outro também ampliaram as relações humanas e não-humanas na educação e no campo da pesquisa acadêmica. O Programa Cinema e Educação, vigente desde 2015, envolve escolas municipais na promoção de cineclubes escolares. Composto com ele, o Projeto de extensão e pesquisa *Lugar-escola e cinema [Fapesp 2018/09258-4]*, vem se debruçando em experiências com cinema e escola, as quais são a matéria prima da tese. Um cinema que se reinventa, como nos convida a pensar Migliorin e

---

<sup>1</sup> Universidade de Campinas (Unicamp).

<sup>2</sup> Prefeitura Municipal de Campinas.

<sup>3</sup> Universidade de Campinas (Unicamp).

Pipano (2019), ao assumirmos que acontece “sem uma centralidade que lhe guie”, acompanhado de paradoxos inerentes às práticas realizadas entre educadores/as e crianças.

A criação do cineclube nas escolas dialoga com a Lei 13006/14<sup>4</sup>. Ela prevê a exibição obrigatória de no mínimo 2 horas de cinema nacional por mês, integrando o próprio currículo escolar. Assim, no contexto do Programa e do Projeto, a referida legislação vai ganhando novos matizes com a possibilidade da criação autoral e coletiva de filmes e também acesso e exibição de filmes fora do circuito comercial.

Nos debruçaremos nas atividades do Cineclube Regente/Cha, realizadas a partir de 2017, desde os artigos e escritos nos cadernos de campo até às filmagens e filmes, com destaque para as produções realizadas a partir de 2019 e no contexto da pandemia: encontros remotos e cartas. Todo esse material constituindo uma *pesquisa-experiência*, pesquisa como *ensaio* (LEITE, 2011) em meio aos filmes que já compõem o acervo da escola como atividade do canal do Cineclube Regente/Cha<sup>5</sup>.

Neste contexto, cartografaremos o tema do feminino nas experiências dos/das pesquisadoras com o *cinema-escola*. Barros e Passos (2010, p. 175) destacam que “no método da cartografia toda pesquisa é intervenção” e citam Lourau (1993) ao se reportarem ao estudo de textos-diários que enunciam sua própria produção, renunciando a descrição de um conhecimento definitivo para liberar um *dever-feminino* das imagens-textos, o fora-imagens-textos. Experiências de leituras e escritas que acontecem em diversas modalidades de tempo/espaço, de memória e esquecimento, em processos de formação, criando outros territórios do feminino na escola. O feminino em criação na *infância da linguagem* literária e cinematográfica, em uma pesquisa que investiga a arte do *cinema-escola* atravessada pelas *escritas femininas*. Escritas que nascem das experiências de vida e pesquisa e também das conversas e produções de textos, fotografias e filmes realizados por educadoras da educação infantil; espaço povoado por diferentes femininos nos corpos que integram um projeto de extensão universitária e pesquisa envolvendo o *fazer cinema* na escola.

### **Ensaio: cartografias femininas latino-americanas**

*O desejo é o sistema de signos a-significantes com os quais se produz fluxos de inconsciente no campo social. Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, pequena família ou escolinha de bairro, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas. O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos.*

Gilles Deleuze e Claire Parnet<sup>6</sup>

Ao longo de um ano participando das atividades do Projeto Cine Clube Regente/Cha<sup>7</sup>, em tempos de distanciamento social, emergiram diálogos em torno da vida em nosso ambiente

<sup>4</sup> Lei Nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>. Acesso em: 25 fev. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCrSABemrU4n\\_HGEH4fDvK3A](https://www.youtube.com/channel/UCrSABemrU4n_HGEH4fDvK3A).

<sup>6</sup> DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p. 64.

<sup>7</sup> As atividades do Cineclube Regente/Cha, desde 2016, envolve duas escolas de educação infantil da rede municipal de Campinas e é coordenado pelo professor doutor Wenceslao de Oliveira Machado Júnior. Atualmente é constituído pela seguinte equipe de professoras/pesquisadoras e cineastas: Sandra Regina Freitas do Amaral, Mauro Antônio Guari, Rozeli Lemos de Melo, Juliana Pereira da Silva Oliveira, Mônica Araújo da Silva e Wanessa Souza de Oliveira. Passei a integrar o grupo como pesquisadora de doutorado a partir de 2020, em busca de investigar as *cartografias femininas* nas experiências de infâncias com o *cinema-escola*.

pessoal, a natureza e os objetos ao nosso redor, na casa, no trabalho e na escola. Neste sentido, tornou-se ainda mais urgente, investigar a *cultura material* e os diferentes *espaços de aprendizagens* na América Latina.

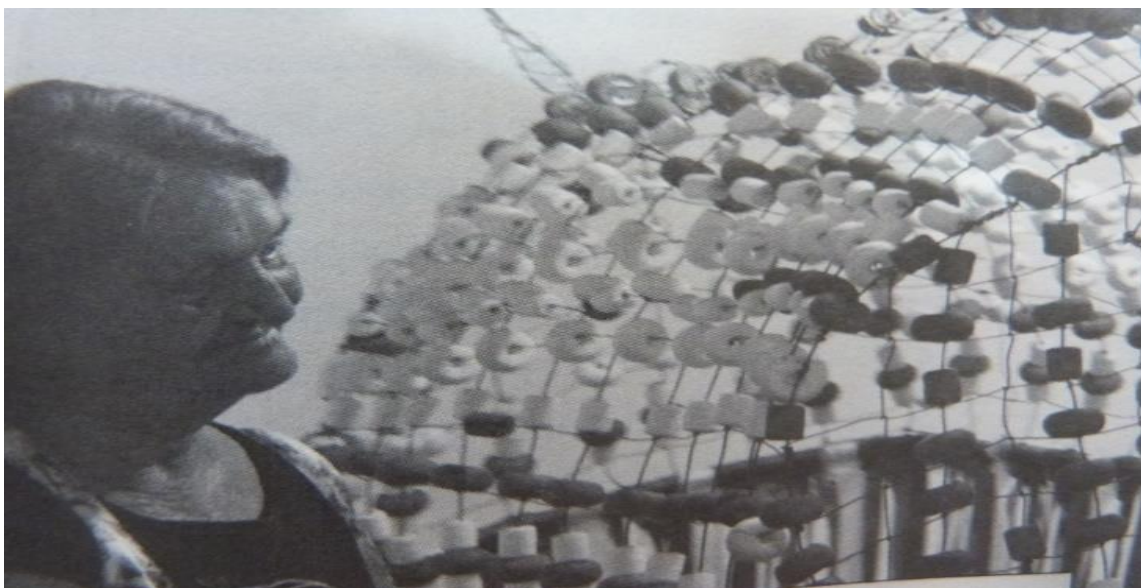
Em diálogos com filmes, imagens, textos e conversações de equipe, foram-se traçando modos de continuar as atividades do projeto, via trabalhos remotos. Neste sentido, outros processos criativos emergiram na relação com as produções materiais/digitais da equipe e das crianças, que nos levaram a corpos filmados em espaços abertos e fechados da escola, os pátios, as gramas, as terras, os animais, as casas, os parques e as *paisagens, dentro e fora* de nós e dos lugares em que estivéssemos; o cinema tecendo as composições com a rede de Educação Infantil, em duas escolas situadas na periferia da cidade de Campinas. O Projeto de extensão e pesquisa *Lugar-escola e cinema: Afetos e metamorfoses mútuas* [Fapesp 2018/09258-4], como desdobramento do Programa Cinema & Educação nas escolas municipais de Campinas, SP, vigente desde 2015, em parceria com o Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO, da FE/Unicamp, se propõe a reinventar o espaço da escola como um território de afetos e composições múltiplas.

O que chama atenção nessas práticas de cinema e educação é justamente a capacidade de escuta ativa e criadora das infâncias, dos espaços e objetos com as artes do brincar/*fabular*. A pesquisadora Inés Dussel tem contribuído intensamente com os estudos nessa área, ao destacar a potência da *cultura material* e seu convite a experimentar “as *temporalidades heterogêneas* nos artefatos, bem como indagar acerca da regulação entre os diferentes corpos e suas relações com os espaços e os objetos na constituição de subjetividades nas escolas”. (DUSSEL, 2019a, p. 41). Neste sentido, atentos às relações entre adultos, crianças, idosos, jovens, femininos e masculinos na educação, investigamos algumas das múltiplas faces que as culturas latinas estabeleceram em nosso continente, através de acontecimentos registrados em fotografias e filmes produzidos por professoras/pesquisadoras na relação com as crianças, a vida, as artes e as viagens em diferentes territórios, países e no *cinema-escola* da educação infantil, bem como nos inúmeros espaços em que se configuram as experiências entre o corpo e o mundo.

A partir das leituras dos filmes e relatórios das professoras do Cineclube Regente/Cha, foi se configurando o estilo de cada uma na realização dos processos criativos audiovisuais. Professoras e crianças artistas e cineastas. Professoras/es *camêra-woman*, fotógrafa, editora/diretora, artista e músico, musicista, curador/a e escritor/a (literatura/roteiro aberto). As diferentes práticas de filmar e incentivar as crianças nessa aventura de experimentar, ouvir e tocar instrumentos, cantar, dançar, contar histórias, brincadeiras, a curadoria de filmes produzidos no projeto e também de *curtas-metragens* nacionais e internacionais, selecionados para exibição entre as crianças e seus familiares. Rodas de conversa com a *comunidade de aprendizagem com o cinema* (GUIMARÃES, 2015). Comunidade sempre em criação, mobilizada pelo estudo, pesquisa e criação de materiais de arquivos atuais e/ou antigo; novos processos com arte/educação. As montagens com o cinema e a participação assídua em *Mostras de Cinema Educação* da cidade, região e outros estados e países. Tudo isso vai compondo um universo de experiências e leituras que nos convidam novamente à pesquisa e a experimentações infindas. A formação de múltiplas redes.

Os acasos da existência me fizeram viver mais em rede do que de modo distinto, isto é, de outro modo. A rede é um modo de ser. Basta um nada, uma simples passagem do masculino ao feminino, para que o modo se torne a moda; a palavra permanece a mesma, e a coisa evocada já não é a mesma coisa (DELIGNY, 2015, p. 07).

Na fotografia abaixo<sup>8</sup>, vemos uma mulher brasileira que pode nos remeter a milhares de outras mulheres latino-americanas, com seus traços fortes, as marcas do tempo e do trabalho em seu corpo; corpo que trabalha com as mãos a transformação da matéria, o barro, a arte, o artesanato e a tecnologia. Obra de arte inspirada na rede, pequenos pontos distribuídos. Pontos que se conectam, se afetam, se comunicam e se integram, mas sem perder a singularidade de cada ponto. Rede. Rizoma. Na ocasião, a mulher-artista estava na casa *Ponto de Cultura* do Velho Graô, uma região de povos indígenas no nordeste do Brasil. “Esses povos utilizam o computador e a internet, como seu *arco e sua flecha*, ou seja, *como ferramentas para buscar soluções* em seus cotidianos” (NHENETY KARIRI-XOCÓ *apud* TURINO, 2010, p. 177).



**Figura 1:** Rede-Rizoma – Fonte: Vanderlei dos Santos Catalão. *In:* TURINO, 2010, p. 175

Os diálogos uns com os outros, a vida dos objetos ao nosso redor, a casa e a escola se tornaram ainda mais necessários nesses tempos de distanciamento social, a investigação da *cultura material* e os diferentes *espaços escolares* na América latina. Adultos, crianças, idosos, jovens, femininos e masculinos. As diferentes relações que as culturas latinas estabeleceram, mesmo sufocadas através do incessante processo colonial, se encontram registradas em fotografias e filmes produzidos por professoras/es – pesquisadoras/es do Cineclube Regente/Cha.

O filme *Amor y revolución: cines, educación y nuevos espacios femeninos* (2020), produzido para integrar o *Mice Cuba* festival de cinema e educação<sup>9</sup>, envolveu uma produção coletiva com a equipe do Cineclube Regente/Cha. Foi uma busca de aproximação com os trabalhos das/os pesquisadoras/es de cinema nas escolas; uma busca pela continuidade dos diálogos entre escritas de cartas e imagens dos femininos na escola viva da América Latina. Busca por formas de expressão que não se limitassem ao uso de textos, narrativas, letras e palavras... O filme coletivo também foi um modo de experimentação da pesquisadora ao *campo de pesquisa*, tecendo outros diálogos culturais com as experiências de trabalho em Amparo,

<sup>8</sup> Segundo Célio Turino, a Lílian Pacheco falava sobre a arte que remete a melhor imagem da rede e ela partiu do manguezal; a rede como um *sistema vivo* (TURINO, 2010).

<sup>9</sup> A proposta para participarmos desse festival de cinema e educação cubano foi realizado pela professora-pesquisadora-cineasta Sandra Amaral. Esse ano ela recebeu uma premiação na 19ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, participou de uma *live* com os cineastas selecionados/as da mostra para dialogar a respeito do instigante filme produzido com seus alunos (Gustavo Pacheco Ferreira Licata e Manuela Fernandes): *Gustavo entrevista* (direção Sandra Amaral, Campinas, 2020). Disponível em: <https://youtu.be/HgwLHKh9-II>.

uma pequena cidade, próxima a Campinas. Enfim, a educação como essa experiência de viagem no tempo e no espaço, nas sonoridades, em mares calmos e revoltos, viagens de e *entre*: barcos e trens. Viagens ao simples caminhar. Viagens sentados diante de uma escrivaninha, uma mesa de trabalho, ao lado do computador, do celular. Mas também viagens pelas brincadeiras, as infâncias, os corpos e as areias dos parques. Viagem a um país estrangeiro, em suas cidades, antigas e atuais, as *modernidades periféricas e rurais* (SARLO, 2010) paisagens e artes. Viagens com os femininos e masculinos em criação nas experiências envolvendo o *cinema-escola*, a pesquisa, e, ao mesmo tempo, também as cartas trocadas entre professoras/pesquisadoras, artistas e suas inquietações. "(Per)correr sem a necessidade de explicar. Querer sem a busca de preencher" (ANDRADE; DIAS, 2011, p. 202).

Na abertura do referido filme observamos um olho gigante, esculpido em uma das ruas de um muro no Centro-Havana. Um olho que problematiza os muros e, como se transformasse em olhares que atravessam cidades, as experiências nos diferentes espaços institucionais, academia, escola, cinema. Ao mesmo tempo, é um muro poroso, que dança, movente, que olha com seu vagar de borboleta ou seria uma libélula?

O olhar para cidade, para os muros, seus cantores e músicos, de ruas e infâncias, um bebê quase imperceptível, mas bem próximo ao olhar de quem cuida da escola, da cidade e do cinema. Abaixo do olho observamos as colunas clássicas que sustentam nossas formas de olhar. A esquerda vemos o traço de uma cabeça e dois abraços, talvez a abraçar o infinito, abaixo, dois pés negros e de ponta-cabeça. O chão virou céu. Ou o céu virou chão. Mudanças de perspectivas. Transformações. Como nos ensina Walter Benjamin (1994, p. 231), fazer a educação pelo avesso, *a contrapelo*, fazer ver e ouvir as histórias dos vencidos e das vencidas, fazer da relação com os tempos, o passado, não "imagens eternas", mas experiências singulares.

A cidade-escola-cinema como espaços em movimento. A figura geométrica reforçando essa ideia de um projeto como algo que deu errado, que foi riscado, mas está ali, vivo, sempre se refazendo, recriando, restaurando, como a própria cidade de Havana e seus processos construtivos restauradores, vividos nas cidades e nos corpos. Um território não acabado, sempre em vias de se fazer.



**Figura 2:** Abertura do filme *Amor y revolución: cines, educación y nuevos espacios femininos*

**Fonte:** Fotografia de arte no muro da cidade de Havana. Arquivo pessoal dos/as pesquisadores/as.

Como as imagens que mostram e escondem para colocar tudo em movimento, em estado de abertura. Outras duas pequenas considerações: logo abaixo das colunas, uma espécie de exército de gentes, revolucionários, crianças, povos... Não é possível saber. E, ao lado, notamos ainda pequenos quadradinhos que remetem a negativos fotográficos que, em movimento culminariam no próprio cinema/subjetividade.

Este filme experimental foi se constituindo como uma busca em torno das questões que implicam uma espécie de *Odisseia feminina* através das experiências com as imagens. Destacamos também a fotografia da produção artística, produzida nos muros da cidade de Havana, e, depois, intercalamos com mais duas fotos com imagens de crianças brincando de formas inusitadas nos parques das escolas da cidade de Campina. Traçamos as experimentações do que estamos chamando de *Odisseia feminina*, problematizando à saga masculina de Ulisses, o herói grego, que explora as aprendizagens do mundo em busca do retorno à terra natal. “A luta de Ulisses para retornar a Ítaca é, antes de tudo, uma luta para manter a memória e, portanto, para manter a palavra, as histórias, os cantos que ajudam os homens a se lembrarem do passado e também a não se esquecerem do futuro” (GAGNEBIN, 2006, p. 15).

Reinventamos à *Odisseia*, partindo com navegações rumo ao desconhecido ou às experiências consideradas pouco usuais, nas relações com as memórias ancestrais e inventadas, às experiências de femininos e masculinos, meninos e meninas, que se aventuram nos mares do viver, nas múltiplas experiências de viagens e aprendizagens com o *cinema-escola*.



**Figuras 3 e 4:** Arte no muro da cidade de Havana / Crianças brincando com água em dia de verão

**Fonte:** Arquivo pessoal dos pesquisadores/as / Imagem de Arquivo do Cineclub Regente/Cha

Perambulando pelas ruas da cidade de Havana, vislumbramos os muros tingidos de arte, encontramos essas composições artísticas, fragmentos da cultura popular. É o que observamos na imagem 3, um diálogo com as múltiplas variações do feminino, desde a escultura da Vênus de Willendorf<sup>10</sup> na pré-história, passando pelas clássicas, a escultura grega da Vênus de Milo<sup>11</sup>, *O nascimento da Vênus*,<sup>12</sup> ou, ainda a *Vênus Noire*<sup>13</sup>.

A imagem da mulher sobre a coluna grega sustentada por um pássaro, nos leva pensar na sensação do voo, da liberdade feminina, ainda que rodeada de muitos olhares masculinos, nas outras colunas ao seu redor, além de um grande olho sobre a cabeça da mulher, talvez questionando a violência historicamente vivida e que continua a pesar sobre o seu corpo e sua vida. Ao mesmo tempo, “atravessar” os muros de uma cidade nos permite uma experiência com

<sup>10</sup> A Vênus de Willendorf é uma estatueta produzida aproximadamente em 28000 a.C. Foi encontrada em 1908 por um trabalhador da equipe do arqueólogo Josef Szombathy. Possui 11,1 cm (de altura), esculpida no paleolítico, retrata uma imagem feminina com os seios à mostra, sem os braços e a cabeça que lembra um cérebro. Foi encontrada no sítio arqueológico de Willendorf na Áustria.

<sup>11</sup> *Vênus de Milo* é uma escultura “na pedra ou no bronze, do antigo artista grego ao moderno Salvador Dali (Vênus com Gavetas). Cf. LEFEVRE, S. Vênus. In: *Mitologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

<sup>12</sup> *O nascimento da Vênus* (aproximadamente 1480-1485) do artista Sandro Botticelli, pintura renascentista (óleo sobre tela). Cf. DEIMLING, B. La pintura del Renacimiento Temprano en Florencia e Italia central. In: *El arte em la Italia del Renacimiento*. Arquitectura, Escultura, Pintura, Dibujo. Colonia: ULLMANN & KÖNEMANN, 2007.

<sup>13</sup> *Vênus Noire*, filme belga/francês/tunisiano de Abdellatif Kechiche, 2010. Ambientado no Século XIX, retrata a situação de abuso, exploração e opressão da mulher negra, por “artistas” e até mesmo cientistas, estendendo-se após a abolição da escravatura na Europa.

o *fora*, um pertencimento questionador e resistente aos padrões moralizantes das diferentes sociedades e épocas (SIMÕES *et al.*, 2017), recriando e ampliando os espaços de nossas subjetividades sempre em gestação.

Na imagem 4, “o corpo é uma festa”, parafraseando Eduardo Galeano em seu poema “janela sobre meu corpo”<sup>14</sup>, notamos as crianças, meninos e meninas, brincando juntos/as, ao se banharem nas águas dos chuveiros, em meio a um pátio escolar contemporâneo do ensino infantil, onde se evidenciam algumas das transformações do *espaço escolar* ao longo da história, de um lugar marcado pela disciplina e o controle para um território mais aberto e constitutivo das aprendizagens, especialmente na educação infantil. Dessa forma podemos entrelaçar as transformações do *espaço escolar* com a história das pedagogias e as transformações dos espaços urbanos (DUSSEL, 2019b). As pedagogias que consideramos atualmente, em conexão com o cinema, são experiências de viagens, de desvios, de contato com os objetos, a natureza e os animais.

Assim, Walter Benjamin (1995), Simone de Beauvoir (2018), Suely Rolnik (2016) e Paola Berenstien Jacques (2008) nos convidam a experimentar a cidade e, podemos acrescentar os pátios de escola e as diferentes errâncias no espaço, no corpo, nos sabores, no chão, no vento, nos aromas e desvios das rotas pré-estabelecidas, nas perambulações noturnas e diurnas. Em cenários de crianças que brincam, gentes que passam, tocam, dançam, e cantam, artes, marcas dos encontros, paisagens vivas. Da mesma forma, podemos considerar as experiências dos/as educadores/as-cineastas e pesquisadores, em face a criação de seus filmes na escola. Passam a se reinventar e a experimentar a escola como o espaço de errar, aprender, se afetar e criar. Fazer cinema na escola tem levado o coletivo do Cineclube Regente/Cha a se arriscar mais nas

produções fílmicas em que a criatividade para filmar com o celular foi desde filmagens com câmera parada até filmagens de partes dos rostos das crianças com exploração de áudio. Que as experimentações com os vários tipos de filmagens nos forcem a exercitar nossa criatividade e vivenciar que é o erro que nos faz profissionais melhores, ao incorporarmos outras possibilidades do cinema, da escola e da infância (OLIVEIRA JUNIOR *et al.*, 2019, p. 330).

Neste sentido, podemos perceber a cidade, a educação e as viagens a partir de seus efeitos, as sensações e os afetos. Desvios e errâncias pelas cidades Amparo, Campinas e Havana, pelas diferentes formas de aprendizagens com a natureza e as linguagens, em um *quase-método* de *corpografia* (ANDRADE, 2006). Ação de perceber e se expressar pelo corpo. A experiência urbana e *errante*, a experiência selvagem de se afetar pela natureza no pátio escolar, no campo e na floresta marcam a cartografia nos corpos. A experiência com as diferentes naturezas, chão, terra, brinquedos, plantas, animais e sol, também marcam cartografias nos corpos e no próprio espaço, tornando visual o amor como *devir*, os elementos de gênero e a arte nas cidades/naturezas/escolas contemporâneas. Esses corpos *errantes* potencializam a escrita feminina (no feminino e no masculino) de palavras, imagens e sons; composições heterogêneas e cinematográficas.

<sup>14</sup> Poema “Janela sobre meu corpo” de Eduardo Galeano. Disponível em: <https://minimalismo5.webnode.com/eduardo-galeano/>.



**Figuras 5 e 6:** Odisseias femininas: Pintinhos nas mãos de três meninas da Comunidade Biquinha (Amparo, SP) / Menina brincando de ponta cabeça no parque (Arquivo do Cineclube Regente/Cha)  
**Fonte:** Arquivo pessoal dos/as pesquisadores/as, da escola e do Projeto Social.

Na figura 5 notamos 3 crianças brincando com os pintinhos que encontraram no quintal/pátio do Projeto Biquinha<sup>15</sup>. *Devir-criança* nos animais, *devir-animal* nas crianças de todas as cores. As três meninas se aventuravam ao brincar com os animais que “fugiram de casa”. Neste espaço aberto da comunidade, todos se conhecem e acompanhamos as crianças até o sítio em que se encontrava o “dono” dos animais. No percurso, a alegria do encontro e o compromisso de não ferir os pequenos filhotes. Uma aventura! Odisseia na infância com o/s feminino/s. Andar, navegar, balançar e girar... Imagens que nos provocam a inventar diferentes experimentações com corpos e “gêneros” na educação. Cartografias femininas e masculinas como acontecimentos *incorporais* em criação.

Navego-me eu–mulher e não temo,  
 sei da falsa maciez das águas  
 e quando o receio  
 me busca, não temo o medo [...]  
 Deserto-me eu-mulher e não temo,  
 sei do cativante vazio da miragem,  
 e quando o pavor  
 em mim aloja, não temo o medo,  
 sei que posso me fundir ao só,  
 e em solo ressurgir inteira com o corpo banhado  
 pelo suor da faina. (EVARISTO, 2020)<sup>16</sup>

Na figura 6 nos deparamos com um corpo criativo e feminino, libertando-se dos movimentos padronizados, se arriscando ao brincar e ver o mundo em diferentes perspectivas. Uma menina preta, experimentando o mundo em sua forma tão singular e questionadora do sistema operante colonizador. Outra irreverente *Odisseia feminina*.

<sup>15</sup> As crianças encontraram os pintinhos soltos no quintal do Projeto (ONG – *Promovendo a Cidadania*) da Comunidade Biquinha. Fomos até a casa de um dos moradores da comunidade para devolver... Era assim, sempre um acontecimento inusitado!

<sup>16</sup> Poema completo de Conceição Evaristo, intitulado *Fêmea-Fênix*, disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/conceicao-evaristo-poemas>.



*Essa experiência de ganhar mundo, navegar por mares revoltos, deixar-se seduzir pelas tentações da viagem... O personagem Ulisses na Odisseia vai se constituindo como um herói em sua tão esperada volta à Ítaca. A fiandeira Penélope... Referência da mulher que espera e escapa? Dribla o tempo no mundo antigo... É uma instigante história! Assim como a guerra de Tróia, desencadeada por um amor proibido... A Ilíada e a Odisseia de Homero, rodeadas pelos mistérios e lendas do universo grego arcaico...<sup>17</sup>*

*[...] Já reparou que a Odisseia sempre acontece com heróis masculinos? Pensar em torno das possibilidades dos femininos que se arriscam a ganhar mundo, sair e voltar, inventar outros espaços... Tem sido desafiador para nós! É uma Odisseia do presente. As crianças brincando, meninos e meninas, experimentando o mundo, dentro e fora da escola... Escola que pode ou não reverberar nas casas? Casas que podem ser escolas? O “distanciamento” social também nos convida a pensar? Qual a educação possível agora? Navegando no agora, com as máquinas/câmeras/escolas/casas/corpos... Reinventado com as educadoras, artistas, as famílias, as formas remotas/antigas e atuais de comunicação, as cartas, mensagens de WhatsApp... Como ouvir as infâncias? E as diferentes formas de nomadismo ao fazer cinema?<sup>18</sup>*

[...] as novas relações entre crianças e natureza levaram ambas a sofrerem sutis alterações ao exigir que os corpos das crianças se tornassem outros para poderem seguir alegres. Diríamos que elas eram e são mais alegres, justamente quando estão sendo outras, quando estão inventando a vida, que é mais vívida quando se faz com variação constante, sempre outra, desdobrada de si mesma. Entendemos que são essas pequenas variações (da vida) que nos fazem mais alegres, talvez uma alegria sutil, imperceptível, composta muito mais de sensações corporais que de sentimentos-pensamentos claros. A maior parte de nossas novas sensações mergulham no escuro de nossos corpos, naquilo que em nós, ainda é e será sempre natureza: o corpo. Está em nossos corpos aquilo que insiste em preservar a floresta pulsante em nós (OLIVEIRA JUNIOR, 2020, p. 07).

Para traçar as cartografias dos femininos acenamos com a magia dos encontros que nos levam a pensar de diferentes modos. O pensamento é integrado ao corpo que só se transforma em conexão com acontecimentos que nos obrigam a pensar e a criar em diálogos mútuos com os outros corpos, línguas, músicas e formas de vida. Como a arte pode nos ajudar na aproximação com o tema do(s) feminino(s) e do(s) feminismos(s)? Como se aproximar do sentido plural do feminino, e do masculino, sem cair nos lugares sedimentados da heteronormatividade de nossa cultura ocidental?

A aposta vai se configurando, neste sentido, com as experiências de grupos de pesquisa da Unicamp que integram os saberes acadêmicos com projetos audiovisuais nas escolas da rede pública do município de Campinas, fazendo da leitura filosófica e artística uma prática intensiva, cotidiana e viva. O Laboratório de estudos audiovisuais-OLHO, permite a constituição dessas redes e *comunidades de aprendizagens com o cinema* em que ingressamos com uma nova abordagem ao investigar o(s) feminino(s) nessas experiências ao longo de

<sup>17</sup> Fragmento de cartas trocadas durante as atividades do Cineclub Regente/Cha, entre pesquisadores/as e a professora/pesquisadora e cineasta Sandra Amaral da Escola Regente Feijó.

<sup>18</sup> Fragmento de cartas compartilhadas entre pesquisadores/as do Cineclub e o músico, pianista, Paulo Miotta, que participou do processo criativo do filme com a trilha sonora, expressão de algumas de suas composições musicais em um movimento de criação artístico poético-musical, reverberando em uma política do sensível (Amparo-Campinas).

tempos que não se reduzem a modalidades cronológicas, mas se configuram como espaços e territórios em *devoir* com as diferenças.

Meninas em *devoir-animal* na relação com os pintinhos. Menina/feminino negro virando de ponta-cabeça a tradição colonial e preconceituosa de nossa sociedade. Criança(s) balançando no filme, navegando em diferentes formas, sem fronteiras pré-determinadas para o que supostamente seriam jogos feitos somente “para meninos ou para meninas brincar”. Em seu Manifesto “Para educar crianças feministas”, Chimamanda Adichie registra uma sugestão a sua amiga de infância, a respeito de como experimentar os femininos e feminismos na relação com a filha: “Ensine Chizalum a questionar a linguagem. A linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos. Mas, para lhe ensinar isso, você terá que questionar a sua própria linguagem” (ADICHIE, 2017, p. 35).

Questionar a própria linguagem e também usá-la como forma de protesto. Fazer as imagens vibrar. Indicar por exemplo, que meninas e jovens podem navegar por terras e mares desconhecidos em busca de aventuras, brincadeiras e múltiplas formas de vidas, tecendo sonhos, estudos, projetos, aprendizagens e trabalhos por vias singulares e desvios. *Pedagogia do risco*, como nos ensina Silvio Gallo, apostando em uma forma libertária e revolucionária de se experimentar a educação (GALLO, 1990).



**Figuras 7 e 8:** *Odisseias femininas:* Jovens cubanas que embarcaram nas expedições da campanha nacional para alfabetização de camponeses/as – Fonte: *Museo de la Alfabetización* em Havana. Arquivo pessoal dos/as pesquisadores/as

Imagens que vão compondo com outras imagens de garotas cubanas entre 12, 13 anos... Jovens que realizaram também uma *Odisseia feminina*... Saíram da casa dos pais, e, como mostram as fotografias, algumas foram de trem e outras de barco para alfabetizar os camponeses que moravam longe das cidades... Conta-se, no *Museo de la Alfabetización* de Havana, que o Fidel Castro, após a revolução cubana, teve que convencer os pais dessas meninas e adolescentes a permitirem que viajassem a acampamentos rurais em que passariam meses e meses longe de casa, realizando um trabalho educativo com os/as camponeses/as.

Esse filme-texto-escritura de palavras e imagens é, de certa forma, uma busca em torno das múltiplas possibilidades e expressões da *Odisseia feminina* na vida, arte e educação. Alfabetização e aprendizagem literária e digital. Uma *viagem* que não é constituída apenas a partir dos clássicos heróis do passado. São pequenos fragmentos de histórias que questionam e reinventam os referenciais instituídos, partindo das misturas culturais femininas/masculinas em criações, sensações, imagens e invenções, vividas em nossas diferentes relações com o mundo e o presente das escolas brasileiras e cubanas.

## Considerações finais

As *cartografias femininas* no presente trabalho emergiram a partir de experiências, leituras e escritas com cinema e educação no Cineclube Regente/Cha. Foram tecidas a partir de experimentações com a multiplicidade de textos e filmes produzidos pelas educadoras e pesquisadoras do Cineclube de duas escolas públicas de educação infantil de Campinas. Estabeleceram-se diálogos com arquivos das escolas e, também com o arquivo pessoal da pesquisadora de doutorado, especialmente de sua viagem à Cuba. A proposta foi uma aproximação com o cinema nas escolas – campo de pesquisa – e com as experiências entre as/os pesquisadoras/es, implicando encontros com os femininos e feminismos em circulação e criação nas imagens, filmes, cartas e textos produzidos, esboçando-se planos comuns, singulares e coletivos nas experiências cotidianas, poéticas e cinematográficas de vidas, infâncias, viagens, escolas e pesquisa.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires. *A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores, simulando silêncios ensurdecedores*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp: Campinas, 2006.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires; DIAS, Susana Oliveira. Biotecnologias, escritas, imagens, e... e(m) maquinações. In: AMORIM, A. C.; GALLO, S.; OLIVEIRA JÚNIOR, W. M. (Org.). *Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...* Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq, 2011. p. 193-204.

AMOR y revolución: cines, educación y nuevos espacios femeninos. Direção: Cineclube Regente/Cha, Marcelly Camacho e Sandra Amaral. Campinas / Havana – Cuba, 2020. 1 vídeo (12 minutos), son. color. Disponível em: <https://youtu.be/eKNOp8arDBU>.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 172-200.

BEAUVOIR, Simone. *A força da idade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-243.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas, vol. II*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 71-142.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DUSSEL, Inés. Historicising girls' material cultures in schools: revisiting photographs of girls in uniforms. *Women's History Review*, v. 29, n. 3, p. 429-443, 2019a. DOI: 10.1080/09612025.2019.1611124. Acesso em: 23 abr. 2020.

DUSSEL, Inés. Historias de cavernas, pupitres y guardapolvos. In: DUSSEL, I. *Latinoamérica: la educación y su historia: nuevos enfoques para su debate y enseñanza*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, Buenos Aires, 2019b. p. 35-55.

CONCEIÇÃO, Evaristo. *Fêmea-Fênix*. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

GALLO, Sílvio Donizetti de Oliveira. *Pedagogia libertária: educação e revolução*. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unicamp, Campinas, 1990.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever e esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GUIMARÃES, César. O que é comunidade de cinema? *Revista ECO PÓS*, Rio de Janeiro, v. 18, n., p. 44-56, maio 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Vitruvius/Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 93, p. 30-60, fev. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 15 dez. 2020.

LEITE, César Donizete Pereira. *Infância, experiência e tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. *Cinema de brincar*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de *et al.* Encantamentos e desassossegos – fragmentos dos (des)encontros entre cinema e escola de educação infantil. In: TEBET, G. (Org.). *Estudos de bebês e diálogos com a sociologia*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. p. 319-356.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. *ClimaCom*, Campinas, ano 7, n. 17, p. 01-18, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wenceslao-jr-florestas/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920-1930*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

SIMÕES, Mariane *et. al.* Profanando-e-resistindo: sobre muros e pertencimentos. *PIXO – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, n. 1, v. 1, p. 25-37, 2017.

TURINO, Célio. Manguezal. In: TURINO, C. *Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010. p. 179-180.

### **Sobre os autores**

**Marcelly Camacho Torteli Faria.** Psicóloga, professora na Faculdade Santa Lúcia, doutoranda na Faculdade de Educação/ Unicamp e integrante do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO. Desde 2020, pesquisadora do Cineclubes Regente/Cha.

*E-mail:* [marcellycamacho@hotmail.com](mailto:marcellycamacho@hotmail.com).

**Sandra Regina Freitas do Amaral.** Professora da Prefeitura Municipal de Campinas – CEI Regente Feijó. Possui graduação em Pedagogia e especialização em Educação Infantil: Alfabetização e Letramento. Integrante do Cineclubes Regente/Cha desde 2017 e bolsista do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2019/18098-3].

*E-mail:* [sandra07amaral@gmail.com](mailto:sandra07amaral@gmail.com).

**Wenceslao Machado de Oliveira Junior.** Professor no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/Unicamp. Pesquisador no Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO e Coordenador do Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas” [Fapesp 2018/09258-4].

*E-mail:* [wences@unicamp.br](mailto:wences@unicamp.br).